

O SUICÍDIO ENTRE CLÉRIGOS BRASILEIROS E A POSSIBILIDADE DE REESTABELECIMENTO A PARTIR DO ABSURDO DE ALBERT CAMUS

SUICIDE AMONG BRAZILIAN CLERGY AND THE POSSIBILITY REESTABLISHMENT BASED ON ALBERT CAMUS ABSURDITY

Kaylan Bettim Ton¹

Prof.º Msc. Suderlan Tozo Binda²

RESUMO: Ao tratar do tema do suicídio é possível constatar que há vários fatores que levam o indivíduo a ver na morte uma saída da falta de sentido da própria existência. Entretanto, esta questão ganha uma particular atenção quanto ao aumento do número de clérigos católicos no Brasil que tiraram a própria vida. Com o objetivo de propor a possibilidade de restabelecimento ante suicídio na vida dos clérigos, utilizou-se neste artigo a ideia de absurdo do filósofo contemporâneo Albert Camus. A partir da obra "O Mito de Sísifo", realizou-se uma releitura dos conceitos de absurdo e suicídio físico equiparada com a realidade dos suicídios entre clérigos brasileiros. O embasamento maior se encontra no livro "E foram deixados para trás" do especialista e estudioso em suicidologia, Padre Licio de Araujo Vale. Assim, vale ressaltar que, o reestabelecimento do clérigo é uma possibilidade segundo a ótica camusiana, mas que requer uma tomada de consciência lúcida da própria realidade como no caso da figura de Sísifo retratada no ensaio de Camus.

Palavras-chave: Suicídio; Clérigos; Absurdo; Reestabelecimento; Camus.

ABSTRACT: When dealing with the topic of Suicide, it's posible to verify that there are several factors that lead the individual to see death as a way out of the meaninglessness of their own existence. However, this issue receives particular attention regarding the increase in the number of catholic clergy in Brazil who took their own lives. With the aim of proposing the possibility of recovery from suicide in clerics's live, this article used the idea of absurdity from the contemporary philosopher Albert Camus. From the work "The Myth of Sisyphus", a reinterpretation of the concepts of absurdity and physical suicide was carried out, equated with reality of suicides among Brazilian clergy. The greantest basis is found in the book "And the were left behind" by the specialist and scholar in suicidology prist Licio de Araujo Vale. Thus, it's worth highlighting that the reesthblishment of the clergy according to Camus's perspective, but which requires a playful awargness of reality itself, as in the case of the figure of Sisyphus portrayed in Camus' essay.

¹ Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano (UNISALES). E-mail: kaylanbettin@hotmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduado em filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestre em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana - Roma - (2006). Atua como professor de filosofia no Centro Universitário Salesiano (UNISALES). E-mail: sbinda@salesiano.br.

Key words: Suicide; Clergy; Absurdity; Reestablishment; Camus.

1. INTRODUÇÃO

O filósofo e escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960), frequentemente associado a corrente filosófica do existencialismo, mesmo que preferisse ser considerado um humanista a explorar o tema do absurdo, retrata em sua obra “O Mito de Sísifo” que o problema filosófico por excelência é o suicídio, isto é, julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida (Camus, 2021). De fato, a questão do suicídio é algo complexo e delicado, porque há inúmeros fatores que levam as pessoas a se suicidarem. Assim, o pensamento camusiano perpassa por este sentimento da absurdidade que qualquer pessoa se depara diariamente, pois faz parte da vida humana.

O filósofo descreveu em sua obra que o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer em uma esquina qualquer (Camus, 2021). Logo, se compreende que isso é inevitável para todas as pessoas. Tendo em vista que o absurdo transcorre na tentativa de um indivíduo buscar com sua racionalidade encontrar no mundo ordem e razão, porém se depara com desordem e irracionalidade. Um outro dado retratado por que Camus (2021) em “O Mito de Sísifo” é a figura mitológica de Sísifo, considerado como o herói do absurdo. Sendo ele condenado a carregar todos os dias uma grande pedra para o cume de uma montanha, sabendo que ao chegar no topo, ela retorna para à base.

É elucidado nesse mito o confronto da ação humana com a realidade em que todos os dias as pessoas enfrentam, pois Sísifo é um personagem totalmente tomado pela absurdidade, uma vez que não tendo passado e futuro sua vida sucederá sempre como o presente levado pela mesma monotonia (Lima, 2011). Nesta monotonia de Sísifo relacionada ao cotidiano das pessoas quando surge o despertar do sentimento do absurdo “[...] vem, com o tempo a consequência: suicídio ou reestabelecimento” (Camus, 2021, p.33). A pessoa reconhece que a vida foi superada, “[...] deixada de lado e que não vale a pena ser vivida” (Carvalho, 2010, p. 80).

Deste modo, a temática do suicídio é um problema que atravessa a História humana ao longo dos tempos, mediante as situações de uma vida maquinal que leva o ser humano questionar a vida. Segundo Vale (2023), em sua obra: “E foram deixados para trás”, é possível observar que na vida dos clérigos católicos brasileiros esse sentimento é existente, uma vez que a rotina dos sacerdotes é marcada por uma série de fatores, atividades e situações que normalmente causam transtornos emocionais, se não houver uma boa administração desses conflitos na vida dos religiosos, isso pode desencadear consequências terríveis, como o suicídio físico.

O tema chama atenção nos últimos anos, visto que um considerado número de padres católicos em distintas faixas etárias cometeu suicídio. Por isso, alguns estudiosos e também a Igreja Católica dispuseram a estudar e analisar as possíveis causas e prevenção dessa realidade, a fim de ajudar os clérigos que passam por profundas crises existenciais. Assim, este trabalho busca dialogar entre o absurdo e o suicídio abordado na filosofia de Albert Camus com a vida do clérigo brasileiro, buscando uma possibilidade para o reestabelecimento do clérigo para evitar o suicídio.

Vale (2023) em sua pesquisa retrata que alguns clérigos tomados pela monotonia da sobrecarga a qual vive, busca no suicídio aliviar este peso, dessa forma, desenvolve uma falsa esperança de conseguir acabar com o absurdo existencial. Essa monotonia pode ser associada ao trabalho maquinal de Sísifo, dado que os clérigos carregam a “pesada pedra” da vida absurda todos os dias, isso se arrola nos dias seguintes e os problemas precisam ser enfrentados. Assim, como Sísifo na descida para pegar a pedra e rolar novamente começa a se questionar: será que a vida vale a pena ser vivida? Será que é necessário todo esse esforço? E diante deste cenário, é necessário plantear mais uma questão: é possível o clérigo brasileiro se reestabelecer diante da absurdidade da vida?

Nesse intuito, buscar-se-á compreender a gênese do sentimento do absurdo e do despontar desse ao se referir ao suicídio físico, apresentado pelo franco-argelino, cuja filosofia auxilia na compreensão destes conceitos. Em um segundo momento, o artigo apresentará dados e análise dos suicídios de padres no Brasil, tais resultados se encontram no livro do especialista em suicidologia padre Vale, o qual realizou uma análise sobre os clérigos suicidas brasileiros no período de agosto de 2016 a março de 2023, com dados relevantes sobre os sacerdotes: quantidade, faixa etária, regiões brasileiras em que mais se concentra esse desafio e as possíveis causas desse ato. E por fim, refletirá sobre a possibilidade de reestabelecimento do clérigo brasileiro, a partir do absurdo camusiano na tentativa de evitar o suicídio físico.

2. ALBERT CAMUS: BIOGRAFIA E OBRA

O filósofo Albert Camus, pertencente a uma família operária, nasceu em 7 de novembro de 1913 em Mandovi (Argélia), onde estudou filosofia. Filho de um francês e de uma descendente de espanhóis, o filósofo muito cedo perdeu seu pai na batalha do Marne, em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial (Carvalho, 2010).

Desde criança sua vida foi marcada com algumas faces da miséria da vida influenciando-o diretamente em seu itinerário filosófico. O reflexo da escrita do franco-argelino era sua própria vida. Depois de uma trajetória, “[...] em 1957, Camus recebeu o Prêmio Nobel por suas obras [...]” (Camus, 2021, p. 10) e de forma trágica, “[...] no dia 4 de janeiro de 1960, Camus encontrou a morte num acidente de automóvel” (Camus, 2021, p. 10).

O autor durante sua vida passou por um período de enfermidade, lutando contra tuberculose aos quatorze anos. Desde cedo, Camus tinha consciência do mundo que o cercava. Segundo Barreto (2001, p. 14): “Essa vida difícil e pobre o fez descobrir que o absurdo da existência somente poderia ser vencido por uma consciência lúcida e sem preconceitos”.

Toda a motivação, que o influenciava, consistia em sua vida marcada por experiências dolorosas, como por exemplo a da enfermidade, levando-o a pensar a vida a partir da morte. Contudo, a escrita de suas obras testemunhava sua própria existência por meio de duras realidades. A mensagem de Camus transmitida em seus ensaios filosóficos, perpassavam exclusivamente de como aprender com as situações mais negativas da vida o ensinamento e a razão para mudá-las (Barreto, 2001).

Este franco-argelino, considerado o máximo pensador do absurdo em relação à existência humana, expressa no decorrer de suas obras que o ser humano durante a sua vida responderá inúmeras inquietações e uma delas é a busca de sentido para viver. A ideia camusiana consiste que cada indivíduo deve aderir a condição da existência humana, isto é, aceitar e adequar-se com a absurdidade da vida rotineira correspondente. Este é o grande assunto proposto pelo pensamento filosófico de Camus, ao ponto de ter levado um tempo para se deparar com essa conciliação (Brandão, 2021).

Em busca de sentido para a existência o ser humano deseja a felicidade, a racionalidade, mas percebe-se atado a uma condição existencial de grande limite. Assim, Camus ao discorrer sobre “O Mito de Sísifo”, aborda sobre este sentimento do absurdo e utiliza do mito de Sísifo como metáfora da condição humana para explanar melhor sobre este sentimento existente na vida do homem.

2.1 ENSAIO “O MITO DE SÍSIFO”

Camus, em 1942, em seu ensaio, “O Mito de Sísifo”, demonstra algumas formas do despertar do sentimento absurdo ao dizer que: “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é, em sua nudez desoladora, em sua luz, em brilho, esse sentimento é inapreensível” (Camus, 2021, p. 30); e um pouco mais adiante explicita que “O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (2021, p. 53). O absurdo é uma luta diária que o indivíduo tem com o mundo, com seu cotidiano e que às vezes o leva a desanimar e perder o sentido. Confrontar essa realidade é tentar aderir e conviver com a condição da existência diária e dar-lhe uma significação. Vicente Barreto em sua obra “Camus, vida e obra”, afirma que:

A história do emprego da palavra "l'absurde" na literatura francesa coincide com a reação do início do século XX contra a ciência. Nasceu da constatação intelectual de que o cosmos não é racionalmente ordenado. O pensamento hegeliano transmitiu para a cultura ocidental o sentimento nostálgico de que encontrar a racionalidade do mundo e das coisas era o objetivo primeiro da inteligência. A experiência humana em vez de ordem encontrou o caos. O absurdo é, portanto, a conclusão a que se chega quando pretendemos encontrar no mundo ordem e razão, e achamos somente desordem e irracionalidade (1971, p. 43-44).

Deste modo, o absurdo é sentido e percebido pelo homem numa tentativa de dar racionalização ao mundo. Por isso, o sentimento do absurdo parte de um princípio provido em um campo sensorial que toca diretamente o lado humano dos indivíduos em uma tentativa de explicações. Mas é de caráter falho, pois o homem não consegue encontrar clareza e sentido no mundo que está. Pimenta (2021, p. 69), também afirma sobre a natureza do absurdo que: “Nesse universo, em meio à densidade do mundo e ao mal-estar da existência, o homem se sente um estrangeiro, pois nada está claro”. O sentimento de “estrangeiridade” vai ao encontro com o próprio sentimento do absurdo. O indivíduo se sente entranho de si mesmo, isto é, de uma não concordância em relação com a própria vida habitual que vive.

Depois de ter perpassado com alguns pontos sobre o absurdo na obra “O Mito de Sísifo”, Camus deixa evidente uma coisa muito importante em relação a este sentimento:

Não pode haver absurdo fora de um espírito humano. Por isso o absurdo acaba, como todas as coisas, com a morte. Mas tampouco pode haver absurdo fora deste mundo. E por este critério elementar julgo que a noção de absurdo é essencial e pode figurar como a primeira das minhas verdades (2021, p.59).

Contudo, o absurdo apresentado por Camus é então este sentimento não separável da subjetividade com a realidade externa vivida pelo homem, e este ser racional não pode de nenhuma maneira extinguir sua relação com o mundo. Pensar num estado de sossego é fugir da realidade que o indivíduo deve viver todos os dias: o absurdo. Por esta razão, a luta que não tem fim da busca de sentido para a vida contra o absurdo deve permanecer diariamente. Mesmo sem descobrir o mais claro conceito para este sentimento, o que verdadeiramente tem valor é viver a absurdidade com suas lutas diárias. Assim, se apresenta o conceito de absurdo para Camus.

Apesar desse absurdo o homem não pode negar sua vida e por isso, deve dar um sentido a ela. Segundo Camus ao analisar o personagem de Sísifo em sua obra, compara-o com as situações absurdas da realidade humana vivenciadas no século XX, deixando claro o exemplo desse personagem do absurdo como aquele que demonstra a incessante busca de resignificação da vida. Sabendo que Sísifo fora condenado pelo resto de sua existência a realizar o mesmo ato de carregar uma pedra de grandes proporções para o alto de uma montanha, mas na chegada pedra rolaria de volta para o início desta subida (Brandão, 2021).

Por isso, Sísifo é considerado por Camus como o herói do absurdo, pois ele, todos os dias, enfrenta sua vida monótona e carrega sua pesada pedra, mesmo com dificuldades, com o tamanho peso e sabendo que no dia seguinte se deve sujeitar a mesma condição. O ser humano se encontra em situação semelhante a Sísifo, porque a partir de “[...] suas atividades habituais, o homem vive de maneira mecânica, artificial e sem refletir sobre o sentido de sua própria existência, ficando, portanto, escravo de seus hábitos” (Pimenta, 2016, p. 71). Numa vivência rotineira de hábitos cotidianos o homem realiza seu inacabável trabalho diário para sobreviver na busca por respostas.

Neste ensaio o absurdo é refletido mediante a tomada de consciência do protagonista Sísifo, assim Camus (2021, p. 194) atesta:

É durante esse regresso, essa pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que padece tão perto das pedras já é pedra ele próprio! Vejo esse homem descendo com passos pesados e regulares de volta para o tormento cujo fim não conhecerá. Essa hora, que é como uma respiração e que se repete com tanta certeza quando sua desgraça, essa hora é a da consciência.

É então no momento do retorno para buscar a pedra que acontece esse despertar da consciência. Sísifo é consciente de seu destino e conseqüentemente de sua condição. Na descida da pedra ele vê que seu trabalho é fútil, mesmo assim, ele abraça com tanta lucidez essa condição e prefere se restabelecer dando um significado à sua vida monótona. Também acontece esse despertar da consciência com as pessoas que começam a questionar sua vida mecânica diariamente.

Camus (2021, p. 198), afirma em seu ensaio que: “A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz”. Assim, ele se torna expoente do absurdo, pois prefere não renunciar sua vida, mas dar um novo significado a sua existência. Segundo a ideia camusiana, assim também deveria acontecer com o ser humano, isto é, não renunciar o absurdo, se mantendo consciente dele, pois só assim conseguirá encontrar significado em sua vida maquina e angustiante, apesar da falta de sentido do mundo.

2.2 SUICÍDIO FÍSICO PARA ALBERT CAMUS

Ainda em sua obra Camus (2021, p. 18) retrata que: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”. O problema do suicídio é por excelência colocado em questão sendo discutido e analisado neste ensaio, em que o autor chega à conclusão de que somente o homem consegue e deve dar sentido a sua existência. Sendo o ser humano dotado de racionalidade é o único que possui consciência da realidade e pergunta sobre a finalidade de sua existência.

Assim, por causa da sua racionalidade o homem é o único ser que não pode renunciar ao absurdo e deve, portanto, encontrar um sentido para sua existência. Porém, ao tomar consciência de sua própria condição e perguntar sobre a finalidade de sua vida frente ao absurdo, uma das possíveis consequências é a busca pelo suicídio físico (Pimenta, 2018). Ao evidenciar isso neste trabalho, cabe ressaltar que se trata de uma atitude silenciosa e que: “Com esse gesto percebe-se que o homem encontra-se fora da lucidez e que deixou-se consumir com os resultados do absurdo” (Lima, 2011, p. 5). A ideia de a vida não valer a pena ser vivida corrompida por ilusões absurdas é a forma de como a pessoa começa a se consumir pelo suicídio. Camus (2021, p. 25) diz que:

É preciso descartar tudo e ir direto ao verdadeiro problema. As pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis uma verdade incontestável – infecunda, porque é um truísmo. Mas será que esse insulto à existência, esse questionamento em que mergulhamos, provém de ela não ter sentido? Será que seu absurdo exige que escapemos dela, pela esperança ou suicídio? [...]

Ao optar pelo suicídio o indivíduo revela que chegou ao ponto máximo de suas forças psíquicas, devido a vários fatores. Para Camus, o homem ao se deparar com o absurdo encontra na morte uma “saída” como possível resignificação da existência:

O suicídio, como o salto, é a aceitação em seu limite máximo. Tudo se consumou, o homem retorna à sua história essencial. Divisa seu futuro, seu único e terrível futuro, e se precipita nele. À sua maneira, suicídio resolve o absurdo. Ele o arrasta para a própria morte. Mas eu sei que, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido. Recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte (2021, p. 92).

Com a falta de esperança e toda a absurdidade diária da vida, muitas pessoas se entregam ao seu fim último: a morte. Todavia, o homem que toma consciência de sua condição absurda deve lutar contra tudo aquilo que aniquila seu viver, ou o sufoca frente aos desafios surgidos em sua existência. Não se trata de uma tarefa fácil, uma vez que exigem esforços diários para enfrentamento dos fracassos e frustrações que

permeiam a condição humana. É preciso tentar e assim perpetuar a vontade humana em viver.

O ensaio de Camus pode ser considerado um entendimento da praticidade sobre a existência, ou seja, como todos os dias os indivíduos vivem. O absurdo é demonstrado na existência não “[...] como algo absoluto e universal, mas uma relação eminente e pessoal” (Barreto, 2001, p. 53). A absurdidade da vida não é, portanto, um fechamento do pensamento, contudo como um pontapé inicial e não separável da revolta. A pessoa que começa a questionar principalmente o seu cotidiano tem sua consciência despertada, deparando-se com o absurdo e com isso decide renunciar a vida ou se reestabelecer.

Para viver a vida de forma intensa o indivíduo não pode se afastar do seu absurdo, porque todos têm presente em seu viver essa absurdez. É proposto por Camus uma única posição válida: a revolta. O indivíduo revoltado é aquele que todos os dias enfrenta o seu absurdo, dá um novo olhar e significação a esta condição (Barreto, 2001). Nisso, Camus retrata que muitas pessoas diante do absurdo não procuram dar uma significação ao seu existir, por isso chegam até o suicídio físico. Carvalho (2010, p. 80) destaca que “[...] viver o absurdo, sem pretender fugir dele, é o princípio básico do pensamento e da ética [...]” de Camus no “O Mito de Sísifo”.

Dessa maneira, o homem não poderá permanecer de forma estática e nisso a melhor opção é o ato de “revoltar-se” para se reestabelecer. Para Camus (2017, p. 35) “[...] a revolta é profundamente positiva, porque revela aquilo que no homem sempre deve ser defendido”. A opção mais assertiva para o filósofo consiste nesta proposta de ressignificação, pois o “[...] o homem carrega consigo a força para a vida e não o contrário. Apesar de conscientemente saber que ao caminhar para a ideia da morte ele realiza a manutenção da vida graças ao impulso provocado pela morte” (Garcia; Rocha, 2020, p. 86).

O homem, ao nascer, é constituído para viver em busca constante de sentido mesmo sabendo da morte que o espera como último ato no fim da vida. Com isso, “[...] responder ao viver, com o não viver, é se envolver num total derrotismo existencial” (Garcia; Rocha, 2020, p. 86). Nisso, o importante para o homem será aquilo que viabilizará a manutenção do seu viver, para assim proceder com a ressignificação da sua vida mecânica e exaustiva de todos os dias.

Enfrentar as dificuldades da vida, isto é, os absurdos de cada dia é a solução de aparência mais viável. Garcia e Rocha (2020, p. 87) também afirmam que “[...] entender o absurdo, ou tentar pelo menos, é compreender a necessidade de aceitar com maturidade e resiliência a frágil condição humana” frente aos desafios vividos pelos indivíduos. O homem deve ser fiel ao seu ponto de partida. Portanto, a exemplo de Sísifo o homem deve se revoltar. Manter-se lúcido e consciente diante da absurdidade do mundo. Desse modo, ele poderá, ainda sem uma solução definitiva, conviver com o absurdo sem a busca de subterfúgios.

3. A REALIDADE DO SUICÍDIO NO CLERO CATÓLICO DO BRASIL

Diante da temática do absurdo e do suicídio físico, aqui se discorrerá sobre um levantamento de dados sobre a questão do suicídio entre o clero católico do Brasil.

Como apontam os dados, para algumas pessoas o ato de revoltar-se na perspectiva de restabelecimento pessoal não é a meta, mas sim, de se entregar a morte por meio do suicídio como a única alternativa mediante ao absurdo, pois respondem os desafios da vida diária com o não viver, não conseguindo suportar os dramas existenciais.

A problemática do suicídio tem aumentado de modo vertiginoso na sociedade brasileira, sobretudo no mundo juvenil. Entretanto, este tema tem chamado a atenção devido aos casos de suicídio na esfera da religião, como por exemplo, das lideranças religiosas e principalmente dos clérigos católicos.

A questão do suicídio entre o clero católico, é objeto de pesquisa do estudioso Licio de Araújo Vale, padre e educador da Diocese de São Miguel Paulista (São Paulo). Formado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (SP), possui duas especializações em Suicídio e Automutilação pela Universidade Paranaense (UNIPAR), assim como em Prevenção ao Suicídio pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com pesquisa enfatizando o luto e a valorização da vida.

Na obra publicada recentemente “E foram deixados para trás” (2023, ed. Loyola; Paulinas), o autor aborda a problemática do suicídio em diversos aspectos. De maneira mais específica e direta no capítulo sexto ao falar de: “O suicídio entre as lideranças religiosas”. Vale (2023, p. 101) afirma que: “Mesmo a fé sendo uma aliada essencial para dar sentido à vida, e os líderes religiosos, importantes alicerces para garantia da doutrina de fé, algo tem acontecido que extrapola a força da crença e da vocação”. Neste capítulo, o autor retrata a problemática no alto índice de religiosos que diante de suas sobrecargas e pressões estão respondendo a vida com o não viver, isso é, buscando no suicídio a alternativa para aliviar todo o drama vivido. Para assim, no capítulo sétimo explanar a realidade intitulada de “O suicídio de padres do Brasil”, o qual será abordado de forma mais precisa neste artigo.

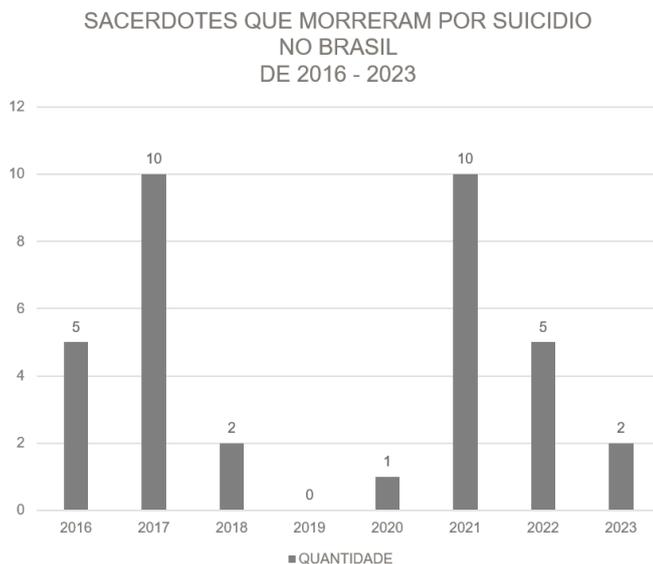
3.1 O QUE REVELAM OS ESTUDOS E OS ÍNDICES

A realidade de suicídio entre clérigos tem chamado a atenção devido ao número de casos frequente nos últimos anos. De acordo com Vale, “[...] de agosto de 2016 a março de 2023, trinta e cinco (35) padres morreram por suicídio no Brasil, número referente aos suicídios notificados” (2023, p. 109). Esses dados devem ser considerados um alerta para a saúde mental dos religiosos, particularmente entre os sacerdotes católicos do Brasil.

A seguir serão apresentados alguns gráficos da pesquisa realizada por Vale (2023) expostos no livro já citado. Cada caso, ainda que faça parte de individualidade, indica os três fatores que potencializam o risco de suicídio de sacerdotes brasileiros e que revela os dramas, angústias e desafios da vida presbiteral que será exposto posteriormente.

No gráfico 1, abaixo, de acordo com Vale (2023, p. 110) é mostrado o quantitativo dos suicídios no clero do Brasil de agosto de 2016 a março de 2023, segundo dados notificados em dioceses, internet e jornais.

Gráfico 1- Sacerdotes que morreram por suicídio no Brasil de 2016 – 2023:

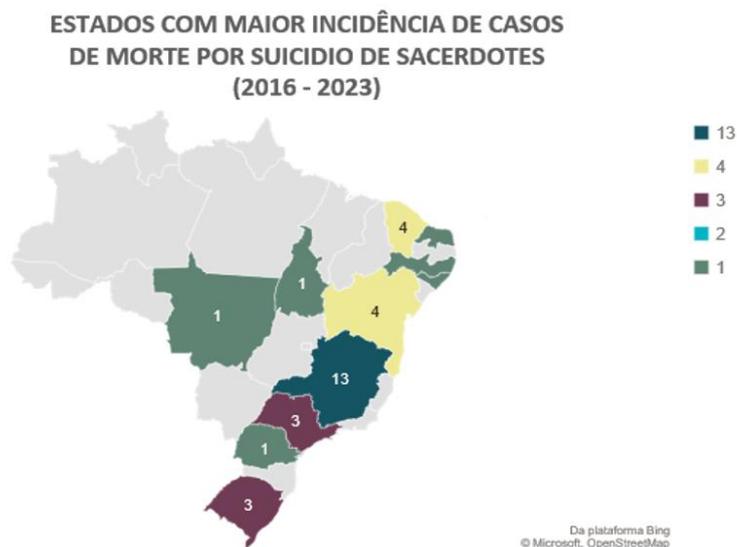


Fonte: Vale, 2023, p. 111

De acordo com o Gráfico 1, é possível constatar uma sincronia entre os dados apresentados, observando-se uma repetição de informações em anos distintos. Além disso, pode-se extrair que apenas no ano de 2019 não houve mortes de clérigos no Brasil, entretanto nos anos de 2017 e 2021, tais números alcançaram a marca de 10 padres por ano, atingindo a maior média entre os anos pesquisados. Ressalta-se ainda que os demais períodos os casos variaram entre 1 e 5 padres mortos por suicídio.

No gráfico 2, é possível observar os “Estados com maior incidência de morte por suicídio de sacerdotes (2016-2023)”:

Gráfico 2 – Estados com maior incidência de casos de morte por suicídio de sacerdotes (2016 – 2023):

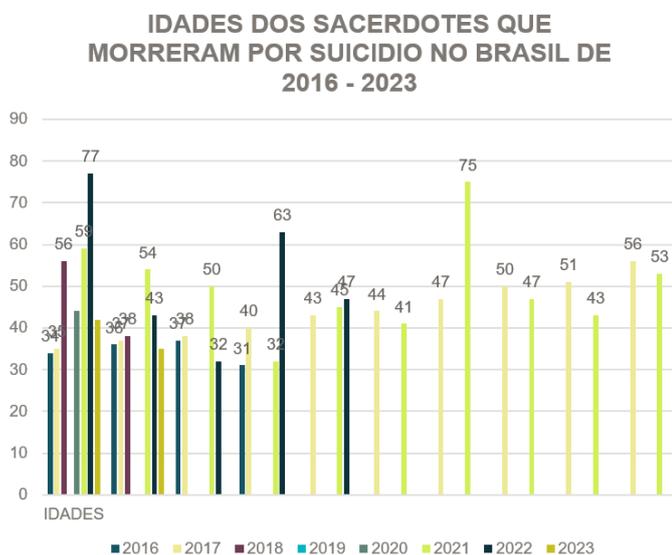


Fonte: Vale, 2023, p.111

Assim, o gráfico 2, apresenta o estado de Minas Gerais com 13 mortes. O maior índice de suicídio no Brasil, sendo sucedido pela Bahia e Ceará, ambos com 4 casos. Ressalta-se que os outros estados brasileiros apresentam menos casos. Ademais, pode ser observado que dentre os dados apresentados pelo autor há uma discrepância na falta de informação sobre alguns casos em alguns estados brasileiros, pressupõe que na análise das notificações feita por Vale (2023) não constata a informação do lugar de residência do presbítero.

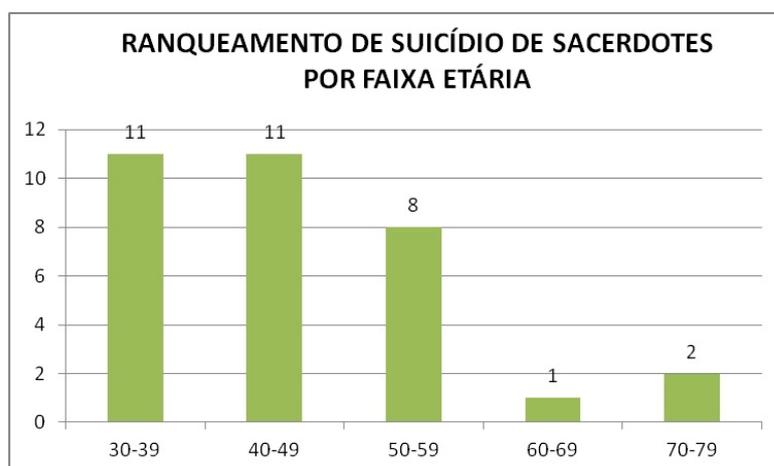
Além disso, no gráfico 3, o estudo revela a “Idade dos sacerdotes que morreram por suicídio no Brasil de 2016 - 2023”:

Gráfico 3 – Idades dos sacerdotes que morreram por suicídio no Brasil de 2016 – 2023:



Fonte: Vale, 2023, p.112

Gráfico 4 – Ranqueamento de suicídio de sacerdotes por faixa etária:



Fonte: elaboração própria a partir de Vale 2023

A partir do gráfico 3, realizou uma reestruturação dos dados a fim de analisar melhor o estudo em questão, gerando com isso o gráfico 4, o qual apresenta a variação média

de idade dos religiosos que se suicidaram que é entre 31 e 77 anos de vida. Dessa forma, constata-se que o maior índice de mortes foi notado entre pessoas com idade de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos, ambas faixas com 11 mortes. Além disso, nos dados apresentados observa-se também uma discrepância na falta de informação com relação a idade de alguns padres que se autodestruíram. Isso indica que nas análises das notificações feita por Vale (2023) não constatava tal evidência.

3.2 CAUSAS POSSÍVEIS DE ACORDO COM VALE (2023)

Mediante os dados apresentados de Vale (2023) são três os fatores, segundo ele, que potencializam o risco de suicídio de sacerdotes: “o excesso de trabalho”, “a solidão” e “a cobrança excessiva”. No que tange ao excesso de trabalho, está relacionado à exaustão física, às relações interpessoais complexas que a cada dia são mais desafiadoras e sobretudo ao envolvimento emocional. Quanto à exaustão física, pode-se observar que esse aspecto está associado a fatores como: esgotamento das energias físicas; alta demanda de atividades pastorais; escassez de tempo específico para descanso; falta de observação e de um plano de cuidado da saúde mental por parte da Igreja em relação ao clero (Vale, 2023).

O segundo fator corresponde a solidão, pois aumenta a ansiedade e depressão. Um dos aspectos apresentados é estar distante da família agravando o vazio existencial e um sentimento de ausência na vida do sacerdote. E mais, “Os padres em geral, os diocesanos em particular, queixam-se de muita solidão, moram sozinhos, possuem poucos vínculos afetivos com colegas de presbitério” (Vale, 2023, p. 113). E como terceiro fator potencializador ao risco de suicídio dos clérigos, condiz com cobrança excessiva. Segundo o autor “Os padres queixam-se de muita cobrança, em particular pelas auto-cobranças, como também das demandas pastorais do povo, dos organismos diocesanos e da Igreja em geral” (Vale, 2023, p. 113).

Tendo em vista o quantitativo de clérigos que seguem o caminho da negação à vida por meio do suicídio, a questão a ser levada em conta não é o quantitativo, mas sim a mensagem transmitida, pois diante do absurdo apresentado pelo filósofo Albert Camus, o padre que é conhecido como o homem da esperança que possui um ideal a seguir e que deve se reestabelecer não opta pela vida. Ou seja, alguns não conseguem se reestabelecer, não encontram um sentido diante da absurdidade da vida e preferem o suicídio. Será esta atitude de reestabelecimento do clérigo que trabalharemos posteriormente.

4. ACEITAÇÃO DO ABSURDO CAMUSIANO PARA O REESTABELECIMENTO EXISTENCIAL DO CLÉRIGO

Conforme os itens apresentados anteriormente, aproximaremos o pensamento Camusiano abordado em “O Mito de Sísifo” do “Absurdo” e “Suicídio Físico” com a realidade dos Clérigos Católicos do Brasil, tomando em conta os casos de suicídio de acordo com os dados da análise de Vale (2023) em sua obra “E foram deixados para trás”, numa perspectiva de restabelecimento ante um eventual ato. Com isso Camus (2021, p. 19) diz que:

[...] muitas pessoas morrem porque consideram que a vida não vale a pena ser vivida. Vejo outros que, paradoxalmente, deixam se matar pelas ideias ou ilusões que lhes dão uma razão de viver (o que se denomina razão de viver é ao mesmo tempo uma excelente razão de morrer).

Camus ressalta esses aspectos para mencionar que muitos procuram a morte como alternativa e outros se refugiam em ilusões, fugindo da realidade absurda. Com isso, entende-se que para alguns padres ao se deparar com os desafios cotidianos da vida presbiteral e os conflitos pessoais e interpessoais, o sacerdote pode chegar a experimentar o sentimento de impotência.

Normalmente a comunidade cria uma imagem do padre perfeito, que está sempre alegre, disponível em todo momento, uma descrição de um ser quase angelical dotado de poderes sobrenaturais; entretanto se depara com a realidade humana, e às vezes não consideram que vale a pena vivê-la, preferindo buscar outros caminhos como o da morte e ilusões superficiais. Por isso o padre Francesco Cosentino (2017, 1ª parte) diz:

[...] O jovem presbítero, que chega cheio de expectativas e de desejos cultivados ao longo dos anos, muitas vezes, colide com uma realidade diferente daquela imaginada; pode sentir-se decepcionado, descobrir-se inexperiente, sentir-se isolado. O desafio é tão cansativo quanto de grande valor: aprender a não idealizar a si mesmo, e nem a Igreja que está à sua volta. [...] Somos, dessa forma, forjados, embora, muitas vezes, a caro preço, na humildade, característica típica do cristão e do pastor.

Em dificuldades semelhantes a essas, vividas pelos sacerdotes, Camus evidencia que muitos ao se encontrar com essas crises, chegam a um estado profundo de esgotamento e veem na morte como única alternativa, outros se refugiam em ilusões fugindo da realidade absurda. Fica evidente que não existe um, mas alguns fatores que contribuem para que o presbítero chegue ao “fundo do poço”. Vale a pena ainda, ressaltar alguns aspectos da figura do sacerdote a partir do pensamento de Lima (2017, p. 4):

Ser padre é uma vocação que requer muitas qualidades numa única pessoa. Isso porque os sacerdotes são tratados quase como que “super-homens”, pessoas que tem “super-poderes” e que a todo o momento devem estar a disposição para servir a comunidade eclesial, seja na administração dos sacramentos, na direção espiritual, bem como nas obras de caridade. É um solucionador de problemas! O padre, na ideia de muitos, é uma pessoa incansável. Com todo esse imaginário acerca da pessoa do padre, acaba-se esquecendo aquela igualdade primeira que todo ser humano criado por Deus carrega: ser pessoa humana.

É questionador que o fenômeno do suicídio atinja de forma direta este público, assim, segundo o pensamento de muitos, surge a pergunta: Se os padres são homens da esperança que ajudam outras pessoas a acharem um sentido para a vida por que se suicidam? São diversas as interrogações, contudo é valioso lembrar que são meramente pessoas humanas. E todos os dias esses indivíduos carregam sua pesada pedra ao cume da montanha, lidando com a absurdidade da vida.

Dessa forma, ao fazer um paralelismo entre a vida do clérigo com a figura mitológica de Sísifo analisado por Camus, é possível identificar a “monotonia sisífica” com a realidade do presbítero católico simultaneamente com rotina sobrecarregada, cobram-se e são cobrados pelas várias demandas impostas por sua função.

E nesta rotina exaustiva de Sísifo, um ato decorrente, afirma Camus (2021, p. 33): “Um belo dia, surge o “porquê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isso é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, obstante inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência”. O momento o qual o religioso começa a questionar-se sobre a descida da montanha como Sísifo. Pensando se a vida vale a pena ser vivida e qual o sentido de tudo isso. Então, o clérigo se depara com as seguintes questões: renunciar à vida? Refúgio nas ilusões? Restabelecer diante do absurdo?

4.1 O ABSURDO VENCIDO PELA MORTE

Para alguns sacerdotes, diante dos três fatores evidenciados por Vale (2023) como: “o excesso de trabalho”; “a solidão” e “a cobrança excessiva”, eles se sentem muito esgotados buscando no suicídio uma única alternativa. “É fundamental compreender que a escolha do sacerdócio não imuniza ninguém das lutas internas e dos desafios pessoais” (Vale, 2023, p. 110).

Neste excesso de trabalho que pode ser “[...] associado ao cansaço físico, às relações interpessoais complexas [...] e ao envolvimento emocional” (Vale, 2023, p.113) está relacionado com o excesso de atividades pastorais realizadas por esses indivíduos. No que abrange os aspectos da solidão, os sacerdotes se deparam com a realidade de estar “[...] longe da família também pode ser uma condição [...]” (Vale, 2023, p. 113) que aumenta o sentimento de solidão e vazio interior. Como também os “[...] poucos vínculos afetivos com colegas de presbitério” (Vale, 2023, p. 113).

Todos esses pontos, juntamente com as cobranças pessoais, interpessoais e a demanda dos fiéis podem ser definidas a partir da ótica camusiana como “vivências absurdas rotineiras” (Vale, 2023). Ademais, a partir de todos esses fatores o sacerdote mediante a tanta mesmice a sua existência se torna um peso como a pedra de Sísifo e por ele não aguentar essa pedra de grandes dimensões de todos os dias, opta pelo suicídio sendo assim vencido pelo absurdo. Portanto, mesmo o clérigo sendo uma figura religiosa não está isento de sua humanidade e sujeitar-se ao ato de renunciar a vida.

4.2 A RENÚNCIA DO ABSURDO

Diante da monotonia e aos fatores de “Excesso de trabalho”, “Solidão” e a “Cobrança excessiva” segundo Vale (2023), há ainda um outro aspecto que é o fato dos sacerdotes deixarem ser levados pelas falsas ideias e ilusões na tentativa de renunciar ao absurdo, descrito por Camus anteriormente. Para melhor compressão o padre José Rafael Solano Durán, PhD em Teologia Moral em entrevista ao *Vatican News* (2021, 1ª parte) afirma:

Muitos presbíteros, diáconos e bispos carecem do senso moral da objeção de consciência. Fazem opções contra a sua própria dignidade e capacidade. Para muitos ficar “bem na foto” significa só se adaptarem as ideologias do momento. Há quem use batina porque um padre ou bispo “pop” numa frase do seu Instagram afirme que a batina não é fantasia. Há quem use calça jeans e camiseta justa porque é chamado de padre moderno e bonito, há quem faça regime porque precisa reafirmar sua figura e há quem tem pânico de

envelhecer e inventa todos os tratamentos possíveis para fazer parte do mundo dos cosméticos e das propagandas de beleza.

Com isso, compreende-se que alguns padres, não suportando o fardo pesado diariamente, buscam ideias e falsas ilusões da vida rotineira como qualquer outra pessoa, tendo por base como sentido alguns refúgios. Esses refúgios condizem em bens materiais, fama, estruturas, entre outros. Como também há aqueles padres que são influenciados por correntes ideológicas, sejam elas conservadoras ou liberais diante do ponto vista religioso-político. Mas é notório que são ideias e ideologias radicais que o levam a morte. Em suma, Camus descreve: “Tudo o que faz o homem trabalhar e se agitar utiliza a esperança” (Camus, 2021, p. 115). A esperança é um elemento essencial na dimensão psico-espiritual, pois é ela que impulsiona o agir e a buscar um sentido para a existência. Não obstante, para Camus essa esperança condiz levar o indivíduo às vezes à ilusão e desilusão.

4.3 O CONFIGURAR-SE COM O ABSURDO

Em sua obra, Camus (2021) discorre sobre o sentimento do absurdo e afirma:

[...] o sentimento do absurdo não nasce do simples exame de um fato ou de uma sensação, mas sim da comparação entre um estado de fato e uma certa realidade, uma ação e o mundo que o supera. [...] No plano da inteligência, posso dizer que o absurdo não está no homem (se semelhante metáfora pudesse ter algum sentido) nem no mundo, mas na sua presença comum. Até o momento, este é o único laço que os une (p. 58).

Contudo, o sentimento do absurdo se inicia a partir dessa confrontação do homem com o mundo e no caso dos presbíteros diante da sua realidade, necessitam tornarem-se conscientes do seu absurdo, isto é, ser um homem absurdo. Já que o mundo não possui racionalidade e ele não pode ser explicado, é necessário que o clérigo viva e sinta intensamente o seu absurdo e mergulhe nele, só assim poderá se reestabelecer.

Posto isso, é possível fazer uma aproximação da teologia bíblica numa tentativa de manter-se guiado por uma consciência lúcida do absurdo. Buscando não entrar em território da teologia propriamente, mas a partir da reflexão filosófica. Nisto, como ponto de partida, se pode tomar como base Jesus na Cruz e a ausência da resposta de Deus diante de sua agonia, sofrimento e eminente morte, para assim possibilitarmos uma possível reflexão de reestabelecimento do clérigo mediante ao absurdo da vida.

Segundo 1º Coríntios, o apóstolo Paulo diz que: “De fato, a linguagem da cruz é uma loucura para os que se perdem” (Bíblia Pastoral, 2014, p. 1388). A cruz para Paulo se torna um absurdo, uma loucura mediante aos olhos humanos. E complementa: “[...] ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (Bíblia Pastoral, 2014, p. 1389). A imagem da cruz para qualquer pessoa é algo absurdo, um horror. Como é possível que morrer de forma vergonhosa (a cruz era para bandidos) pode simbolizar algo de esperança? Jesus enfrenta o absurdo de sua vida e se lança ante o risco de uma morte em vão, diante de si mesmo tem a consciência que lhe diz que sua morte é uma consequência de seu modo de viver. Abraça aquele momento monstruoso, mas também sublime como testemunho de uma pessoa disposta a morrer pelo que viveu e acreditou.

Ainda no campo da narrativa Bíblica é possível ler em Mateus o que se conhece como as últimas palavras de Jesus na Cruz, o texto diz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Bíblia Pastoral, 2014, p. 1222). Na cruz despojado de tudo e ultrapassando as dores físicas e existenciais, depois de três horas de agonia esperando pela morte o grito de Jesus revela a angústia mais profunda de ser um homem réprobo da parte de Deus. Com o grito de desespero e súplica de Cristo no ápice de sua agonia, do seu absurdo, encontra-se com o silêncio de Deus. Jesus grita e o pai silencia, se retira, não responde. Deus, portanto, se cala diante do seu filho único. Este ato revela a absurdidade da não resposta de Deus. E o salto de Jesus transcendendo a dor e dando um sentido a sua morte ao dizer: “[...] Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito” (Bíblia Pastoral, 2014, p. 1289).

Contudo, Jesus se lança nas mãos de Deus. Submerge no mais profundo do seu “ser humano” não sucumbindo a violência ou injustiça de seu processo jurídico e sentença. E no silêncio do Pai, encontra a resposta de que sua terrível morte não é vão. O silêncio de Deus aos olhos humanos se torna um grande absurdo. É aqui que é possível traçar um pensamento de reestabelecimento do presbítero ante sua cruz, seu absurdo. Ao abraçar seu absurdo (cruz) lança também no profundo silêncio em que se encontra consigo mesmo. A resposta esperada do exterior encontra-se no próprio interior convidando-o a transcender lançando-se a vida.

Na imagem bíblica, a loucura da cruz, o absurdo do silêncio e a inocência do crucificado se confrontam e o convidam a mergulhar nesse silêncio, e conseqüentemente ressignificar sua vida a partir da dor. Este silêncio não é a ausência de uma resposta, entretanto um convite a tomada de consciência da própria realidade, dessa forma, encontrar um novo sentido. Da mesma forma que Sísifo ao mergulhar dentro da sua absurdidade, lança-se no silêncio e encontra uma resposta e ressignificação da vida.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa possuiu o objetivo de analisar o suicídio entre clérigos brasileiros do período de março de 2016 a junho de 2023, a partir do pensamento do filósofo Albert Camus (1913-1960) sobre o absurdo da vida e o suicídio físico para uma possibilidade de reestabelecimento do clérigo. Dessa forma, esta pesquisa segue como de cunho bibliográfico, pois segundo Ruiz (1979, p. 58), “[...] a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica”. Uma vez que buscará relatar a problemática do suicídio entre clérigos brasileiros sob uma ótica filosófica a partir do que o filósofo trata em sua filosofia de absurdo e suicídio físico. Tudo isso foi realizado a partir da obra intitulada de “O Mito de Sísifo” que Camus disserta sobre a absurdidade da vida e o suicídio físico como uma das causas de fugir do absurdo existencial, sendo, portanto, o teórico base neste projeto.

Para a execução do artigo a proposta é um caminho de pesquisa com enfoque na pesquisa referencial para o enriquecimento do texto, a partir da obra “O mito de Sísifo”, como também artigos e livros que comentam tais conceitos do existencialista franco-argelino. Espera-se em um primeiro momento compreender de modo claro a gênese do absurdo segundo este filósofo que é revelado na cotidianidade da existência do ser

humano, abordando também o suicídio físico sendo umas das consequências deste sentimento retratada na obra.

Para análise da problemática da realidade suicida dos clérigos brasileiros no tempo presente dado as inúmeras condições de suas vidas, foram utilizados dados de pesquisa quantitativa secundários de Licio de Araujo Vale, padre especialista em suicidologia. Nesta coleta de dados secundários utilizamos gráficos quantitativos da obra. “E foram deixados para trás”, abordando a quantidade de sacerdotes que se suicidaram de março de 2016 a junho de 2023; bem como sua faixa etária; estados pertencentes e os três fatores que potencializam o suicídio desses religiosos.

Contudo, a pretensão fora de aproximar a ideia do reestabelecimento diante do absurdo abordado na obra “O mito de Sísifo” de Camus na resignificação existencial do clérigo diante do absurdo encontrado na cotidianidade. Sendo assim, a pesquisa descreve aspectos da atualidade a partir do tema abordado e aguçar uma reflexão sobre o clérigo que está sujeito a renunciar a vida e às vezes não procura se reestabelecer diante do absurdo.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos fatos mencionados é percebido que a absurdidade quando não renunciada a razão, ela de fato é evidente, se apresentando assim na vida de todos os seres humanos, inclusive na vida dos religiosos católicos brasileiros, que dia após dia carrega sua “pedra” de grandes dimensões suportando toda a absurdidade dos problemas rotineiros. O absurdo faz parte da vida humana, uma vez que é marcada por desafios diários que requer reestabelecimento. Assim, como Sísifo o clérigo tem a possibilidade de se reestabelecer, mesmo não tendo respostas do mundo. É portando, um configurar-se ao absurdo não deixando este sentimento ser vencido pela morte, ou caindo em alguma das vezes nos três fatores apresentados por Vale (2023). Sendo o excesso de trabalho, solidão e a cobrança excessiva. Como também, o padre não deve renunciar ao absurdo mediante a falsas ideias e ilusões que correspondem as ideologias e a subterfúgios que por vezes leva até a morte.

O clérigo tomado pela “monotonia sisífica” apresenta a possibilidade de se reestabelecer para evitar o ato do suicídio. Sendo, portanto, um configurar-se ao absurdo mesmo não tendo respostas. Um mergulhar no absurdo como o filho único de Deus fez. Assim, Jesus Cristo, no alto da cruz clama por seu pai e esse não o responde. A cruz aos olhos humanos é um horror, pois condiz numa absurdidade e ainda mais, se torna um absurdo Deus não responder seu filho o deixando no silêncio. Consideramos este ato um absurdo, pois este silêncio mostra que mesmo Jesus sem resposta, ele se entrega. E assim o clérigo tem a possibilidade de reestabelecimento se lançando no silêncio, mergulhando neste absurdo sem respostas.

Portanto, é necessário observar o absurdo não como uma forma negativa, porém como uma forma de se reestabelecer diante das dificuldades encontradas na vida maquinal e cotidiana. Quando se perde todas as seguranças, mergulhar no silêncio que é o grande absurdo pode ser a melhor alternativa para o reestabelecimento do sacerdote. Assim, percebe-se que o assunto não está fechado e é essencial pensar no futuro um novo diálogo a partir dessa possibilidade de reestabelecimento do clérigo brasileiro em detrimento da absurdidade da vida que desponta no suicídio físico.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise feita ao longo deste artigo, foi possível perceber um pouco da realidade de uma parte dos presbíteros católicos do Brasil. Constatou-se que ao se deparar com situações inerentes ao seu dia a dia, seus absurdos: o excesso de trabalho, a solidão e a cobrança excessiva, existe a possibilidade do reestabelecimento do seu ser por meio da resiliência e ressignificação de sua existência. Por isso, o absurdo do pensamento camusiano oferece um ponto de vista, desde a perspectiva de um sentimento pertencente à existência humana, e o sacerdote, como qualquer outro indivíduo, possui a possibilidade de abraçá-lo de forma lúcida.

Segundo Camus, Sísifo é o exemplo de um homem do absurdo. Ele é um herói desta condição, porque tem a consciência da sua realidade, do seu destino, e mesmo assim, ele escolhe permanecer lúcido. Diante do momento que ele desce da montanha para buscar a pedra novamente. Da mesma forma, o sacerdote usufrui da possibilidade de se reestabelecer, lançando-se no próprio absurdo, assumindo sua “pedra” diariamente com atitude de aceitação frente ao absurdo, pois, partindo da ideia camusiana, apesar da futilidade dessa tarefa, Sísifo pode encontrar sentido em sua condição absurda e até mesmo experimentar alegria em alguns momentos.

Fazendo uma aproximação da narrativa bíblica, pode-se apresentar um itinerário na vida do sacerdote. No evangelho de Lucas é afirmado: “Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que for ordenado, devem dizer: Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever” (Bíblia Pastoral, 2014, p. 1278). Portanto, é no cumprimento cotidiano do trabalho, que o clérigo perceberá sua frágil condição humana. Ele não é um senhor superpoderoso e onipotente, todavia um servo, aquele que reconhecendo seus limites e habilidades abraça a vida e suas consequências sendo responsável ante os desafios da existência.

AGRADECIMENTOS

Com o coração agradecido, manifesto a minha profunda gratidão a Deus, por ter me conduzido estes anos durante o curso de Filosofia. Agradeço pela dedicação dos professores e principalmente do meu orientador professor Suderlan Tozo Binda, que me conduziu neste trabalho. Com esta mesma alegria, sou imensamente grato por minha família e a querida Diocese de São Mateus que me acompanha em meu processo vocacional.

Assim também, quero, de maneira respeitosa, fazer memória a muitos sacerdotes, que por motivos de dores e sofrimentos da vida, optaram pela morte de forma repentina para fugir do teto sufocante, e por aqueles irmãos seminaristas que mesmo sem chegar ao ideal de vida que almejavam, entregaram suas vidas antecipadamente, nas mãos do Senhor. Não nos cabe julgarmos, mas de reconhecer que são pessoas humanas e que passaram também por suas fragilidades e desafios.

Por fim, repito as mesmas palavras do saudoso Camus: “Eu amo a vida, eis a minha verdadeira fraqueza. Amo-a tanto, que não tenho nenhuma imaginação para o que não for vida”.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Vicente. **Camus: Vida e Obra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jose Álvaro, 1971.

BRANDÃO, Lucas. Albert Camus e o absurdo da existência. **Comunidade Cultura e Arte**. 2021. Disponível em: <<https://comunidadeculturaearte.com/albert-camus-e-o-absurdo-da-existencia/>>. Acesso em: 5 de mai. 2023.

BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. **O mito de Sísifo**. 23. ed. São Paulo: Record, 2021.

CARVALHO, José Jackson Carneiro de. **Albert Camus: tragédia do absurdo**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2010.

CONSERTINO, Francesco. **A crise do padre: “Não os deixem sós!”**. Instituto Humanistas Unisinos. 2017. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/categorias/571451-a-crise-do-padre-nao-os-deixem-sos>. Acesso em: 25 out. 2023.

DURÁN, José Rafael Solano. **O suicídio no clero do Brasil**. Vatican News. 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-11/o-suicidio-no-clero-do-brasil.html>>. Acesso em: 11 out. 2023.

LIMA, Fabiano Albuquerque. **Igreja e suicídio: quando os padres se “autodestroem”**. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<https://catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2021/05/AdrianoAlbuquerque-DEPRESS%C3%83O-E-SUIC%C3%8DDIO.pdf>>. Acesso em: 5 de mai. 2023.

LIMA, Harley Carlos de Carvalho. O absurdo e o suicídio: uma visão em Albert Camus. **Pensamento Extemporâneo**. 2011. Disponível em: <<https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1575>>. Acesso em: 5 de mai. 2023.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. **Entre o absurdo e a revolta: por uma proposta filosófica para o ensino de filosofia pensada a partir de Albert Camus**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. Disponível em: <www.precog.com.br/bc-texto/obras/2021pack1019.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

GARCIA, Talita; ROCHA, Cosme da. O ressignificar da vida na perspectiva camusiana. **Revista Sísifo**. n. 12, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>>. Acesso em: 02 out. 2023.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1979.

VALE, Licio de Araujo. **E foram deixados para trás: uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio.** 2. ed. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2023.